

O processo de produção e distribuição de informação enquanto conhecimento: algumas reflexões*

Adriana Machado Simões**

*Acreditando que informação pode ser definida como um processo que envolve três momentos - **informação potencial, informação consolidada e informação transformada em conhecimento**, este trabalho busca analisar o processo de produção e distribuição da informação nesse terceiro momento, ou seja, a produção e distribuição do conhecimento. Procura sugerir as categorias que permitirão a compreensão desse processo e analisar a dupla função do conhecimento em sua relação com o social: o conhecimento instituído no social e **instituinte socializador**.*

A pesar dos muitos conceitos de informação existentes tentamos construir aquele que poderia sintetizar nossas reflexões nesse sentido. Hoje, pensamos a informação como um processo que envolve três momentos. O primeiro, onde temos uma **informação potencial**, ainda sem valor, porque não está sendo utilizada e que só terá significado diante da noção de futuro que permitirá a construção desse significado. No segundo momento esta informação é selecionada para e pelo usuário, transformando-se em uma informação com valor agregado, ou **informação consolidada**. É no terceiro momento que a informação se transforma em **conhecimento** e **deixa de ser um fim, para tornar-se um meio**. Durante esse processo a informação vai deixando de ser apenas "aquilo que diminui incertezas" - idéia defendida por alguns autores - e passa a ser também "aquilo que provoca incertezas", que suscita novas perguntas. Compreender o processo de produção e distribuição da informação enquanto conhecimento é o objetivo desse trabalho. Conhecimento este que assume uma dupla função em sua relação com o social: o conhecimento instituído no social e *instituinte* socializador.

* Trabalho apresentado à disciplina Fundamentos Sociais da Informação - Dezembro/2004

** Socióloga, jornalista, aluna do curso de Mestrado em Ciência da Informação - UFMG



raciocínio² - "*la lógica del descubrimiento en oposición a la lógica de la prueba.*" (ZEMELMAN, 1992, p. 158)

A constatação de que a realidade está em movimento e o fato desse movimento conter muitas direções levam ao questionamento do alcance ou pertinência do raciocínio fundado na lógica da determinação, na lógica da causa e efeito, quando se procura compreender essa realidade "em movimentos de múltiplas direções". Mais uma vez questionamos o conceito de formação presente em nossas escolas. A distinção entre teorizar e pensar a realidade nos leva a concluir que formar alguém não significa apenas transmitir conhecimentos, mas ensinar a pensar e manejar as categorias com as quais foi construído esse conhecimento. Ao limitarmos nosso conhecimento ao manejo de informação teórica nos colocamos um problema epistemológico: não sabemos quais são as categorias do raciocínio com as quais explicaremos a realidade. Se nos cursos de Sociologia estudamos Durkheim, Weber, Símmel e Marx, provavelmente o fazemos devido as categorias que esses autores construíram e que, sob muitos aspectos, são mais importantes que suas próprias teorias. Se não conseguimos teorizar os golpes militares na América Latina com a teoria com a qual Marx analisou o golpe de Napoleão III no *18 Brumário*, podemos fazê-lo através das categorias presentes em sua obra, resgatadas em função de um determinado contexto sócio-histórico. As categorias de raciocínio permitem organizar uma relação com a realidade que não seja em função de teorias prontas, pois se estas estão semanticamente fechadas, aquelas nos possibilitam uma maior proximidade da realidade, um enriquecimento da relação de conhecimento.

No caso específico da Ciência da Informação acreditamos que **veracidade, universalidade, historicidade e totalidade** são algumas das categorias que nos permitirão compreender o processo de produção do conhecimento. Partindo dos dois pressupostos epistemológicos apontados no início desse trabalho (o conhecimento é gerado na prática e a realidade está constantemente em movimento) temos que todo conhecimento é verdadeiro, porque é adequado a uma prática da qual decorreu. A universalidade decorre da veracidade: o conhecimento de classes com práticas distintas impossibilita o consenso de conhecimentos, impossibilita o universal; ou impossibilita a verdade absoluta, se retomarmos Lowy (1989) e sua idéia de que cada processo de produção do conhecimento é apenas uma possibilidade dentre outras, de aproximação da verdade.

A terceira categoria é a historicidade. O conhecimento decorre de uma prática que se dá em um determinado contexto sócio-histórico, logo, é preciso compreender cada conhecimento a partir da realidade sócio-histórica na qual ele foi construído. Além disso, ao apontarmos o conhecimento como instituído no social estamos reconhecendo que os processos de produção, organização e consumo de informação são processos

2 Do espenhol "razonamiento"



produtividade, tarefa entregue às ciências exatas. Às ciências sociais coube a análise da nova organização do processo de trabalho - divisão de trabalho - que retirou o conhecimento dos mestres e o colocou para todos, em parte. Acreditamos que nesse momento histórico da divisão do trabalho o conhecimento se torna uma força produtiva que, ativada, pode gerar lucro. As conseqüências da divisão do trabalho sobre o conhecimento se refletem nesse novo tipo de sociedade que surge no final do século XX - a sociedade da informação - onde a produção e distribuição da informação são definidas pelo poder de pagar. É esta a realidade dos países capitalistas.

No Brasil, onde as conseqüências da desigualdade social se traduzem nas notícias sobre meninos de ruas, superlotação dos hospitais públicos, conflitos de terra ou altos índices de analfabetismo, o acesso à informação, transformada em produto de consumo pela sociedade contemporânea, assim como o acesso à educação, saúde e moradia, vai se dar de forma diferenciada entre ricos e pobres, reforçando ainda mais essa diferença. Segundo Schiller,

"Os pobres tornam-se mais pobres, porque são excluídos dos meios através dos quais suas condições poderiam ser melhoradas e os ricos tornam-se mais ricos, porque possuem os meios para consolidar e estender as suas bases de poder."
(SCHILLER, 1993, p. 4)

Sendo assim, poucos estão capacitados a transformar uma *informação potencial em informação consolidada*. Menos, ainda, chegarão ao conhecimento.

Ao considerarmos o conhecimento como instituinte socializador e constatarmos as desigualdades existentes no acesso à informação estamos, por fim, admitindo diferentes tipos de socialização, ou seja, a algumas pessoas é negado o direito de se integrar totalmente na sociedade, pois lhes são negados os instrumentos que lhes permitiriam a aprendizagem dos códigos para penetrar e serem aceitos dentro de um grupo social, o desenvolvimento de atitudes individuais para participar da vida desse grupo e a adaptação às formas evolutivas da sociedade a qual pertence³. Por sua vez, ao considerarmos o conhecimento instituído no social e constatarmos que a informação transformou-se em produto à venda estamos admitindo que a produção e distribuição do conhecimento se dão baseadas no critério capitalista adotado para suas linhas de montagem, ou seja, a produtividade, e que a informação produzida reflete a prática daqueles que detêm o capital.

3 "Le concept de socialisation a um contenu passif et un contenu actif. C'est d'abord l'apprentissage des codes, des'motes de passe' pour pénétrer dans groupe social y être admins; puis c'est le developement des aptitudes individuelles pour participer à la vie du groupe et deverir à son tour um élément d'accomplissement et d'évolution pour les autres membres; en troisième lieu, c'est l'adaptation des différents groupes sociaux aux formes évolutives de la société". (SABRAN, 1975: 166).



